



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 10 | Nº. 19 | Jul./Dez. de 2018

**Thiago Braga Teles da  
Rocha**

*Doutorando em História pela  
Universidade Federal de  
Pernambuco (UFPE) e Professor  
Efetivo SEDUC/CE.*

thiagorocha90@outlook.com

**Gleudson Passos Cardoso**

*Pós-Doutor em História Medieval  
pela Universidade do Minho  
(UMINHO/ Portugal). Professor  
Adjunto da Universidade Estadual  
do Ceará (UECE)*

gleudsonpassos@yahoo.com.br

## “REPTO O SENADOR A PROVAR AS SUAS DECLARAÇÕES”: as tensões no campo político sobralense a partir das eleições de 1947.

---

### RESUMO

Neste artigo, busca-se demonstrar como, através da influência política do Senador Plínio Pompeu, as disputas políticas em torno do bispo Dom José Tupinambá da Frota ganham repercussão estadual e regional. Acompanhamos assim a produção de discursos em jornais de circulação nacional e estadual, um interessante dispositivo para o acompanhamento das *tensões* existentes em torno das eleições e da apuração destas.

**Palavras-chave:** Eleições. Poder. Igreja Católica. Sobral.

---

### ABSTRACT

In this article, we try to demonstrate how, through the political influence of Senator Plinio Pompeu, the political disputes around the bishop Dom José Tupinambá da Frota gain state and regional repercussions. We follow the production of speeches in national and state newspapers, an interesting mechanism to monitor the tensions around the elections and to determine them.

**Keywords:** Elections. Power. Catholic church. Sobral.

## Considerações Iniciais<sup>1</sup>

E vejo enquanto o olhar dirijo ao cerco  
um com a cabeça em tanta merda sujo,  
que a ver se é leigo ou clérigo me perco<sup>2</sup>.  
(DANTE ALIGHIERI, 2010, p. 241)

O *inferno* narrado por Dante, em seu Canto XVIII, do *inferno*, impossibilita a distinção entre *leigo* e *clérigo*. Será que há distinção entre esses dois sujeitos quando o tema é a política? Ou melhor, o quão *animal político*<sup>3</sup> pode ser um padre? O quão o clérigo tenta negar sua condição política dentro da cidade? Esse é o desafio dos religiosos que enveredam pelas práticas de poder além dos muros das igrejas, o de ainda serem reconhecidos pelas suas obras ligadas à religião mais do que pelo exercício do poder.

Neste artigo, são estudadas tensões políticas entre o genro do Dr. José Saboya de Albuquerque e os clérigos sobralenses, com destaque para o bispo Dom José Tupinambá da Frota. As tensões são oriundas de desdobramentos dos embates da eleição de 1947 para o executivo estadual cearense e foram publicadas em periódicos que extrapolavam as fronteiras da cidade de Sobral, alcançando a cidade de Fortaleza (*Correio do Ceará*) e do Rio de Janeiro (*Diário da Noite*).

Em 1947 houve a primeira eleição direta para governador do Estado do Ceará desde o início do período getulista (1930-45). Ou seja, em praticamente duas décadas, foi a primeira vez que o povo foi às urnas escolher seus representantes. Dois candidatos tinham protagonismo na eleição. De um lado, Faustino Albuquerque, da UDN, apoiado pelo grupo do Dr. José Saboya de Albuquerque em Sobral, que contou com apoio de vários grupos políticos, inclusive o PCB. De outro, o General Onofre Muniz, do PSD, que não declaradamente, era apoiado pela Igreja Católica por não ter nenhum vínculo com os comunistas.

---

<sup>1</sup> Este artigo é resultado de partes da reflexão inserida na Dissertação de Mestrado “De quem é Sobral?: as práticas letradas, as tensões políticas e as disputas pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953)”, publicada em 2017 no Programa de Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE), sob orientação do Dr. Gleudson Passos Cardoso.

<sup>2</sup> No original, em italiano, “E mentre ch'io là giù con l'occhio cerco, / vidi un col capo sì di merda lordo, / che non parëa s'era laico o cherco”. Canto XVIII, 115-117.

<sup>3</sup> Faz-se aqui referência a clássica definição de homem como animal político por Aristóteles. Segundo o livro II de *A Política*, “Fica evidente, pois, que a Cidade é uma criação da natureza, e que o homem, por natureza, é um animal político, e que o homem que, por sua natureza e não por mero acidente, não tivesse sua existência na cidade, seria um ser vil, superior ou inferior ao homem” (ARISTÓTELES, 2001, p. 56). Percebe-se ainda, segundo a visão do filósofo clássico grego, que a cidade é vista como o habitat para o homem político, que usa de tal pressuposto para poder viver em sociedade.

As disputas políticas em Sobral não cessaram com as tensões entre o Bispo e o líder do então partido da “situação”, Dr. José Saboya (UDN), nos jogos de poder em âmbito estadual<sup>4</sup>. As eleições de 1947 provocaram rupturas e rivalidades que expuseram fissuras cidadinas. A cidade ficou dividida em duas. De um lado, o bispo que há quase quatro décadas administrava a Igreja e intervinha de forma efetiva na cidade, do outro, o ex-juiz que ganhava projeção estadual com parentes eleitos parlamentares e que acabavam de ver seu candidato ao executivo cearense ser vitorioso.

Sobral se parece muito com Sofrônia,<sup>5</sup> dividida em duas “meia” cidades que fica à mercê da desmontagem de uma de suas metades, no caso sobralense, eram os rearranjos políticos que de temporadas em temporadas colocavam em xeque uma pretensa unidade cidadina. A cidade ficava à espera do passar dos embates para voltar a ser uma só. Qual lado seria desmontado?

### **A montagem do embate: a entrevista de Plínio Pompeu de Saboia Magalhães**

Em Sobral, um dos principais “soldados”<sup>6</sup> do Dr. José Saboya passa a ser seu genro, Plínio Pompeu de Saboia Magalhães (1892-1994), político ipuense, que já tinha sido prefeito de Fortaleza entre 1934 e 1935, e naquela conjuntura era Senador da República<sup>7</sup>, o que já evidencia o quão próximas eram as estruturas de poder da influência de José Saboya de Albuquerque. Plínio era casado com Maria

---

<sup>4</sup> Ver: ROCHA, Thiago Braga Teles da. “*Pelos Domínios da Política: As Convergências Católicas a Partir da “Militarização” Do Clero.* In: “*De quem é Sobral?*”: As práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/Thiago%20Rocha.pdf>. Acesso em 19 de março de 2018.

<sup>5</sup> Sofrônia é a quarta cidade da sessão “As Cidades Delgadas”, presente na obra *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino. Nela, segundo o autor, “A cidade de Sofrônia é composta de duas meias cidades. Na primeira, encontra-se a grande montanha-russa de ladeiras vertiginosas, o carrossel de raios formados por correntes, a roda-gigante com cabinas giratórias, o globo da morte com motociclistas de cabeça para baixo, a cúpula do circo com os trapézios amarrados no meio. A segunda meia cidade é de pedra e mármore e cimento, com o banco, as fábricas, os palácios, o matadouro, a escola e todo o resto. Uma das meias cidades é fixa, a outra é provisória e, quando termina a sua temporada, é desaparafusada, desmontada e levada embora, transferida para os terrenos baldios de outra meia cidade”. (CALVINO, 1990, p. 61).

<sup>6</sup> Aqui há uma alusão ao conceito de “militarização”, que segundo Pierre Bourdieu, “[...] consiste em basear a autoridade na situação de ‘guerra’ com que se defronta a organização e que pode ser produzida por um trabalho sobre *representação* da situação, a fim de produzir e de reproduzir o *medo de ser contra*, fundamento último de todas as disciplinas militantes ou militares”. (BOURDIEU, 2010, p. 202)

<sup>7</sup> Plínio foi eleito senador pela UDN nas eleições de 2 de dezembro de 1945. Conquistou 160468 votos, sendo o mais votado do pleito, ficando à frente de nomes como Cesar Cals, Menezes Pimentel e Luiz Carlos Prestes. Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/repositorio-de-dados-eleitorais>, acesso em 14 de julho de 2016.

da Soledade Saboya, uma das filhas do ex-magistrado. Logrou consistente carreira política em sua longa vida. O seu conflito com o bispo Dom José advém, principalmente dos seus laços familiares com o juiz.

O embate é intrinsecamente ligado às eleições de 1947. Reproduz ainda ressentimentos que marcam as disputas eleitorais entre o grupo do General Onofre, que recebeu apoio não oficial da Igreja, e do Desembargador Faustino Albuquerque, da UDN, apoiado pelo Dr. José Saboya. É notável que algumas dessas questões a partir do estudo das eleições, têm o papel de desnudar eventos e intrigas inerentes as disputas pelo poder, que ficam à margem da percepção na maior parte do tempo.<sup>8</sup>

É importante destacar como os laços afetivos de amizade ou rivalidade são indissociáveis das ações dos intelectuais nas batalhas simbólicas pela cidade. Aparentemente, os textos que nutriam um discurso de “razão” fogem desse ideário a fim de defender as personagens que lideravam um grupo ou outro. Dessa forma, essa análise segue a linha proposta por Sirinelli, que afirma:

A atração e a amizade e, o *contrário*, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber jugular suas paixões, a serviço exclusivo da Razão. De outro lado, a imbricação das tensões devidas aos debates de idéias e desses fatores afetivos desemboca talvez, em alguns casos, numa patologia do intelectual. (SIRINELLI, 2003, p. 250)

A narrativa aqui de embates, com o protagonismo para os dois genros do Dr. José Saboya de Albuquerque, não pode ser compreendida fora desse eixo que permeia a afetividade entre os intelectuais. Aqui, como em vários outros momentos estudados nesta pesquisa, a razão é deixada de lado pelas paixões na elaboração das *práticas letradas*.

---

<sup>8</sup> Nesse aspecto, concordo com as reflexões de René Rémond. Segundo ele, refletindo sobre o estudo das eleições na história: “A dimensão política não absorve toda a sua atenção: esta se dirige mesmo, em geral, prioritariamente, para as estruturas sociais ou as flutuações da conjuntura econômica, na esperança secreta de descobrir aí a chave das evoluções políticas. Mas o político está longe de estar ausente do seu campo de observação, e as eleições têm direito a um lugar privilegiado como um elemento incomparável de informação sobre os movimentos de opinião”. (RÉMOND, 2003, p. 42)

É destacável que no recorte temporal em questão as disputas partidárias de uma nova experiência democrática eram marcadas por um novo jogo de relações partidárias, que muitas vezes não se baseavam na ideia de fidelidade. O período, marcado por alternâncias de grupos partidários no poder, também é marcado pelas constantes trocas de partidos pelos políticos cearenses. Segundo Francisco Josênio Parente,

Na região Norte do Ceará, os partidos não tinham fidelidade como na região Sul, e sofriam defecções mais frequentes por encontrarem lideranças organizadas de forma independente. Essa característica, segundo Parsifal Barroso, um político daquela região, pode ser avaliada na relação dos líderes políticos locais com os eleitores, “pois os coronéis da zona Norte eram mais bem estruturados quanto aos seus eleitorados. Quer fosse em Sobral, quer fosse em Granja, quer fosse em Camocim, quer fosse em qualquer município da zona Norte”. (PARENTE, 2014, p. 385)

Dessa forma, interessava mais o grupo político de um “coronel” do que o partido político ao qual ele estava filiado. Também por isso foram tão relevantes as práticas de poder praticadas por sujeitos como Dr. José Saboya, Chico Monte e, inclusive, Dom José Tupinambá da Frota.

O pleito para governador do Estado ocorreu em 19 de janeiro de 1947. O resultado demorou aproximadamente duas semanas para ser oficializado. Dependeu do ritmo lento de apuração das cédulas, algo típico no período, somado às tentativas de impugnação no Tribunal Superior Eleitoral. Nesse ínterim houve ainda comentários e interpretações sobre a disputa e o resultado do pleito. Alguns desses embates ganham desdobramentos que acabam por marcar a divisão da cidade, intensificando rivalidades.

Os embates narrados aqui, tornados visíveis a partir das eleições de 1947 e da produção de discursos em torno delas, revelam algumas das tensões do campo político<sup>9</sup> sobralense. Partindo então dessa perspectiva, qual a *distância* entre Plínio Pompeu e Dom José nas relações políticas locais? É perceptível, a partir da documentação a seguir, que eles estavam mais próximos do que se supõe

---

<sup>9</sup> Entendo a ideia de campo político a partir de Pierre Bourdieu. Segundo o autor francês: “O campo político, entendido ao mesmo tempo como campo de forças e como campo das lutas que têm em vista transformar a relação de forças que confere a este campo a sua estrutura em dado momento, não é um império: os efeitos das necessidades externas fazem-se sentir nele por intermédio sobretudo da relação que os mandantes, em consequência da sua distância diferencial em relação aos instrumentos de produção política, mantêm com os seus mandatários e da relação que estes últimos, em consequência das suas atitudes, mantêm com as suas organizações”. (BOURDIEU, 2010, p. 64).

à primeira vista a relação entre um senador federal e um bispo do interior. Eles podiam se inserir numa mesma tensão política, disputando a posse pelo exercício do poder institucional na cidade.

Em 25 de janeiro, Plínio Pompeu concede entrevista ao jornal carioca *Diário da Noite*. Era um importante jornal do grupo “Diários Associados”, de Assis Chateaubriand. Nela, em primeira página, há o seguinte título e entrevista em destaque,

**O DEPUTADO [SIC] REVELA QUE ESTEVE CERCADO POR MAIS DE 20 FACÍNORAS ARMADOS DE FACA**  
**Como o sr. Plínio Pompeu viu o pleito eleitoral no Ceará – Arma contra a União Democrática Nacional**

O senador Plínio Pompeu passou o último domingo em Fortaleza e dá do pleito impressões muito nítidas:

- O entusiasmo foi maior que nas eleições de dezembro de 45, de sorte que a cifra avultada das abstenções constituiu inexplicável surpresa para muita gente. Para mim, digo-a sem a menor hesitação (sic), a razão está na campanha que certos círculos moveram contra a UDN.

(*Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1947, p. 1).

Nesse trecho, há um claro destaque dado ao político udenista no jornal. A chamada da matéria também mantém grande destaque e atração ao leitor, haja vista que não é toda hora que se vê um relato de um parlamentar<sup>10</sup> afirmando que fora cercado por mais de vinte pessoas portando armas brancas. É destacado na primeira parte dessa importante entrevista que guia as análises neste texto, a atenção dada pelo senador ao grande número de abstenções ocorridas ao longo das eleições de 1947. Aqui vale pensar sobre a *lucidez política*<sup>11</sup> ou sobre a *obediência religiosa*. Plínio não hesita em afirmar que a responsabilidade está envolta na campanha de certos grupos contra a UDN.

Mas que círculos seriam estes? Na continuidade da entrevista o senador expõe que,

---

<sup>10</sup> No título consta “Deputado”, mas nas primeiras linhas Plínio Pompeu é apresentado como Senador, que era o seu cargo político na época.

<sup>11</sup> Faço aqui analogia à obra *Ensaio sobre a Lucidez*, de José Saramago. No início de tal romance, há a narrativa de uma eleição da capital, a mesma de *Ensaio sobre a cegueira*, onde a taxa de abstenções era baixa, porém, há uma avalanche de votos em branco, provoca um grande impacto nas relações políticas de todo o Estado onde se passa a narrativa. Nesse trecho, “Os votos válidos não chegavam a vinte e cinco por cento, distribuídos pelo partido da direita, treze por cento, pelo partido do meio, nove por cento, e pelo partido da esquerda, dois e meio por cento. Pouquíssimos os votos nulos, pouquíssimas as abstenções. Todos os outros, mais de setenta por cento da totalidade, estavam em branco”. (SARAMAGO, 2004, p. 24).

**UMA ARMA CONTRA A UDN**

E entrando nos detalhes do caso:

- Evidentemente grossos contingentes eleitorais não querendo votar no PSD conforme a pressão exercida por numerosos padres em posição de destaque em meio à população, preferiram abster-se, e assim os candidatos udenistas perderam não poucos sufrágios.

(*Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1947, p. 1).

Ou seja, a responsabilidade do pequeno quórum de votação seria da Igreja. Plínio Pompeu demonstra, segundo sua lógica política, que os eleitores se sentiam pressionados pela suposta atuação dos padres nas lides da política, gerando um mal-estar para a realização do sufrágio. Os eleitores sentiam-se indispostos em votar no candidato supostamente indicado pelos clérigos, todavia não rompiam totalmente com a Igreja e preferiam a abstenção do que votar no candidato udenista, combatido, supostamente, pelos sacerdotes. Seria uma terceira via de ação para o eleitor, entre optar por desobedecer a Igreja ou o grupo udenista, o eleitor preferiu não votar.

Na entrevista, Plínio Pompeu começou a construir cuidadosamente um relato, colocando o bispo Dom José<sup>12</sup>, tratado como o “alto prelado de Sobral”, como o cerne do projeto de combate aos udenistas. Segundo a entrevista,

**A CIRCULAR**

Apertam-se os amigos em roda do representante da União Democrática, que exemplifica:

- Prestem atenção no que se passou com alto prelado de Sobral, que não cessou de recomendar publicamente candidatos do PRP, apresentando para governador o general Onofre. Sobral é precisamente minha terra. Ali chefiando nossa política o dr. José Saboya o qual comentando em comício a circular n. 64 do arcebispo de Fortaleza, estranhou que a autoridade religiosa houvesse considerado indignos os protestantes, os maçons e os comunistas, sem citar outros grupos. Tanto bastou para que determinados sacerdotes iniciassem tenaz e desarrazoada campanha contra a U.D.N.

(*Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1947, p.1).

Este trecho possibilita refletir de quem era Sobral. Plínio Pompeu associa a chefia da política da cidade ao seu sogro, Dr. José Saboya, ao mesmo tempo que revela o esforço de outro protagonista, o bispo Dom José, em combater tal exercício

---

<sup>12</sup> Dom José Tupinambá e Dr. José Saboya de Albuquerque empreenderam vários conflitos discursivos nas eleições de 1947. Ver: ROCHA, Thiago Braga Teles da. “*Pelos Domínios da Política: As Convergências Católicas a Partir da “Militarização” Do Clero*”. In: “*De quem é Sobral?*”: As práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/Thiago%20Rocha.pdf>. Acesso em 19 de março de 2018.

do poder político. Isso nos faz pensar em outro ponto, quantas [visões de] cidades existem dentro de uma mesma cidade? O referencial varia conforme o *lugar social* do observador.

O senador cearense não se intimida com as possíveis reverberações que seus ataques trariam a Sobral. Além de construir uma narrativa que associa a política da região ao seu sogro, o político adverte a participação do alto prelado sobralense, além de chamar a atenção para o fato de a circular n. 64 ter sido utilizada como base para que os padres “iniciassem tenaz e desarrazoada campanha contra a U.D.N.”. O tópico anterior da entrevista é apenas uma introdução ao ataque que seria dirigido ao bispo de Sobral.

Na sequência é reproduzido que,

#### **OUTROS FATOS**

Detendo-se na conduta de D. José Tupinambá da Costa [sic] no bispado daquela cidade do norte cearense.

- Tendo montado um amplificador na praça principal de minha cidade, d. José fazia diariamente viva propaganda contra a UDN sempre elogiando o Sr. Plínio Salgado. Aproveitando-se do incidente que tive com o padre Domingos Barreto, o bispo ordenou a todos os religiosos sob sua influência para que divulgassem que a UDN estava processando sacerdotes e assim encontrou uma forma prática de aumentar a pressão contra determinado e numeroso setor do eleitorado udenista.

E passando aos algarismos:

- Não admira que em dezembro de 45, tivéssemos em todo o Estado 65 mil sufrágios, enquanto desta vez chegaremos a uns 50 mil, dos quais 18 mil ganhos em Fortaleza.

(*Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1947, p. 2).

O bispo de Sobral é descrito como um sujeito que usa de seu capital político e das instituições da Igreja para atacar os rivais. A narrativa do uso de um amplificador católico para o viés eleitoral cria a imagem de um bispo inserido nas práticas de poder da cidade, usando das técnicas e tecnologias necessárias para alcançar seus objetivos. Além dessa descrição, Dom José também é tachado como um aproveitador factual, ao usar um fato alheio a política, a contenda entre Plínio Pompeu e o clérigo padre Domingos Barreto, para conclamar os religiosos a divulgarem que a UDN processava os clérigos. O testemunho do senador nos serve como indício para a percepção de mais uma *militarização* do clero.

É um Dom José cada vez mais envolvido na política que é possível perceber na narrativa do Senador Plínio Pompeu. Seguindo o pensamento de Aline Coutrot, não é um fenômeno estranho à história as relações de proximidade entre

religião e política, apesar da constante negação desta relação por parte da Igreja (COUTROUT, 2003, p. 335). As relações entre política e religião, dessa forma, são inerentes a condição relacional entre instituições e sociedades. Porém, o caso religioso causa efervescência por conta da constante negação do envolvimento na política por parte da Igreja Católica. Expor o envolvimento do prelado é uma estratégia de miná-lo politicamente.

Todavia, as narrativas de Plínio também buscam construir uma visão heroica de si. Além dessa construção narrativa de um bispo engajado politicamente contra a UDN, Plínio Pompeu ainda busca criar sua *vitimização* ao longo das práticas de poder. O tópico seguinte da entrevista versa sobre “O raio de facas”, em que ele narra um episódio ocorrido no município de Ibiapina-CE, onde é “cercado por mais de vinte facínoras de arma em punho”, em decorrência das disputas eleitorais de 1947, atribuindo a culpa do episódio ao chefe de polícia em Fortaleza que, segundo o então senador, nenhuma providência tomou. (Jornal *Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1947, p. 2).

Além dessa construção narrativa de um bispo engajado politicamente contra a UDN, Plínio Pompeu ainda busca relatar sua *vitimização* ao longo das práticas de poder. É assim que o jornal relata o tópico seguinte da entrevista,

#### **O RAIO DAS FACAS**

A respeito dos acontecimentos de Ibiapina assim se referiu o senador Pompeu: - Estávamos em pleno comício, e a nosso lado encontrava-se o próprio candidato da União Democrática ao governo constitucional, desembargador Faustino Albuquerque, quando um grupo de indivíduos embriagados rompeu por entre a multidão comandados por aqueles que, horas antes, havia sido nomeado prefeito, precisamente o genro do chefe político situacionista, candidato na chapa pessedista. Avançaram aos vivas ao general Onofre, e como nossos correligionários respondessem com vivas a seus candidatos, puxaram facas e sabres. Como saísse a defender nossos amigos, vi-me de repente cercado por mais de vinte facínoras de arma em punho, tendo de segurar um deles pelo braço. Telegrafei imediatamente ao chefe de polícia em Fortaleza, que nenhuma providência tomou, logo depois empossando-se em Ibiapina com o prefeito o chefe do raid a arma branca contra os udenistas. (*Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1947, p. 2).

Dito isso, perpassando toda narrativa “romantizada” do senador, o que chama atenção é o fato dele sempre associar a violência ao grupo situacionista, deixando em segundo plano o fato de os indivíduos que causaram a agressão estarem embriagados. Ele ressalta, de forma estratégica, que a cidade de Ibiapina, palco do comício, era um lugar propício a tensão devido à eleição de um candidato

do PSD, destacando ainda que este era genro do chefe político local. Irônico que o próprio Plínio Pompeu devia boa parte de seu capital político também a ser genro de um importante chefe político da região, o Dr. José Saboya.

Pode-se entender a narrativa do senador, um homem que não foge das facas nem se deixa intimidar, como uma tentativa de o associar à imagem de *homem nordestino* ligado ao arquétipo de macheza inventado no início do século XX e problematizado por Durval Muniz (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

Depois dessa narrativa que beira uma valorização heroica do fato de ter escapado do cerco dos homens armados, que se apoia nos valores conservadores, rústicos, ásperos e masculinizados a que Albuquerque Júnior fala, o senador ainda busca evidenciar que a atuação do chefe de polícia de Fortaleza fora parcial, para não resolver a contenda. É interessante imaginar o que tal chefe poderia fazer a mais de trezentos quilômetros distantes da cidade em questão.

Mas as narrativas posteriores à vitória de Faustino Albuquerque não cessam no caso do comício cercado de facas. O Senador Plínio Pompeu ainda faz questão de evidenciar sua discordância com o então interventor do Ceará, o militar José Machado Lopes, que antecede o Desembargador Faustino no executivo cearense. No jornal é reproduzido que, “A conduta do interventor, foi parcial, pois colocou todas as forças e autoridades do interior à disposição das correntes pessedistas ao mesmo tempo em que demitia os prefeitos udenistas, bem assim como delegados e funcionários partidários de nossa facção” (*Jornal Diário da Noite*, 25 de janeiro de 1947, p. 2).

### **A reação da Igreja: a proposta do repto**

A narrativa que associa as ações do governador à noção de parcialidade, combinada com o decréscimo da participação popular e da quantidade de votos, é somada a narrativa de vitória heroica empreendida pelo senador Plínio Pompeu, pincelada por supostas dificuldades ao longo do pleito. Plínio Pompeu, naquele dia 25 de janeiro, fez seu discurso de vencedor, fazendo questão de expor as contradições, a partir da sua ótica, que permeavam as ações de seus adversários políticos. O senador não ficaria sem respostas...

A primeira seria em defesa do Interventor do Ceará, José Machado Lopes, e o palco seria o mesmo veículo jornalístico, o *Diário da Noite*, sediado na capital federal de então. O suplente de deputado federal, sr. Jayme de Vasconcellos,

segundo o jornal, “um dos líderes políticos do P.S.D. no Ceará”, toma defesa do interventor estadual ao afirmar primeiramente que, “As afirmações do meu eminente amigo Plínio Pompeu foram feitas, naturalmente, num estado de profunda exaltação partidária”. Em sequência, há um discurso apologético ao Coronel Machado Lopes, “As possíveis demissões só podem ter sido feitas a bem da organização administrativa, pois o coronel Machado Lopes é apolítico, sendo antes de tudo, um centrado cumpridor dos seus deveres” (*Diário da Noite*, 27 de janeiro de 1947, p. 2).

A imagem do Interventor, talhada como homem “apolítico”, sustentada pela ideia de que o Senador Plínio Pompeu teceu afirmações “num estado de profunda exaltação partidária” buscam descaracterizar os ataques à suposta parcialidade encampada por Machado Lopes, marcante na narrativa do senador udenista. É uma nova construção discursiva que visa apresentar um Interventor diferente do da ótica de Plínio. Mais do que isso, revela que ser relacionado à política é algo visto com negatividade. Os apoiadores do interventor, assim como os sujeitos pertencentes ao clero, tentam se desassociar da prática política.

Jayme de Vasconcellos ainda faz questão de manter acesa a chama de esperança de uma vitória do General Onofre Muniz, do PSD, naquelas eleições. Ainda no *Diário da Noite*, o suplente de deputado pessedista afirma que,

A diferença de votos entre os dois candidatos é pequena e só com a apuração final, o público saberá quem venceu. Qualquer prognóstico agora, é prematuro. Entretanto pelos telegramas que tenho recebido e diante de uma conversa telefônica que mantive hoje com o ex-Interventor Menezes Pimentel, estou certo de que o P.S.D., vencerá e o general Onofre Muniz será eleitor governador. (*Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1947, p. 2).

Aqui são expostas, além das relações de acirramento no pleito de 1947, as ligações partidárias entre o membro do PSD e o ex-Interventor Menezes Pimentel, que governou o Ceará entre 1935 e 1945, e tinha abertas relações com a Igreja Católica sendo, inclusive, antigo membro da Liga Eleitoral Católica – LEC. É possível perceber, de forma indireta, as ligações de antigos líderes do partido da Igreja com o apoio ao nome pessedista, o General Onofre Muniz. As relações entre Menezes Pimentel e o grupo de católicos não é uma novidade. Ele, que foi um dos

integrantes dos círculos intelectuais católicos nas décadas anteriores, exerceu o poder por uma década na interventoria do Estado.<sup>13</sup>

Dessa forma, o político e o religioso estavam intimamente interligados no Ceará. É algo conjuntural no estado. Ao longo do governo Vargas houve uma grande (re)aproximação da Igreja com as relações de poder do Estado. Além da criação da LEC, é possível destacar as relações de legitimação que envolviam o clero e setores da classe dirigente.<sup>14</sup> Ou seja, Vargas, apesar de não ser um católico praticante convicto, abusou das relações de conveniência que a Igreja poderia ofertar a si ao longo de seu extenso governo. Como já salientado, nesse caso o Ceará faz parte dessas práticas de poder que envolvem Igreja e Estado<sup>15</sup>.

Ainda são notáveis, dessa forma, resquícios da influência católica na administração estatal até as eleições de 1947. Menezes Pimentel e outros políticos católicos ainda mantinham certo protagonismo nas relações de poder eleitorais. Mas as palavras duras do Senador Plínio Pompeu não foram dirigidas apenas à atuação do Interventor Coronel Machado Lopes. O principal alvo foi um adversário de seu berço político, o bispo da cidade de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota. Houve respostas duras contra Plínio Pompeu por parte do bispo de Sobral.

As acusações de que os padres se envolveram na política, combateram a UDN e, principalmente, de que Dom José montou uma amplificadora na principal praça da cidade para fazer propaganda contra a agremiação partidária, divulgando que este partido estava processando clérigos, foram rebatidas através dos veículos de imprensa.

Em 10 de fevereiro o *Correio do Ceará* reproduz em sua edição um telegrama enviado pelo bispo de Sobral ao *Diário da Noite*. Nele, Dom José escreve que,

*Diário da Noite,*  
Rio

---

<sup>13</sup> Ver: LIMA, Janilson Rodrigues. *Em defesa da fé e da família: intelectuais católicos e padrão comportamental em Fortaleza (1936-1941)*. 2013. 189f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. P. 13

<sup>14</sup> Ver: BRUNEAU, Thomas C. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1974. P. 78

<sup>15</sup> O Professor Erick da Silva Araújo acrescenta que, “Durante as décadas de 1930-40, o Estado do Ceará experimenta uma crescente ascensão dos grupos políticos católicos. Esta façanha é liderada por D. Manoel da Silva Gomes” (ARAÚJO, 2007, P. 72). Em Sobral, o prefeito que por mais tempo ficou no poder, Vicente Antenor Ferreira Gomes (1935-1944), contava com a simpatia do Bispo Dom José Tupinambá da Frota.

Em referência à notícia publicada pelo “*Diário da Noite*” de 25 de janeiro passado declaro que a amplificadora local não foi comprada por mim nem por minha iniciativa nunca tendo a mesma recebido instruções minhas mormente em questão de candidaturas. É falso ter eu mandado que os padres divulgassem estar a UDN processando um sacerdote. É falso ter eu feito diariamente propaganda contra a UDN elogiando sempre Plínio Salgado.

Repto o senador a provar as suas declarações.

Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral.

(*Correio do Ceará*. Fortaleza-CE, 10 de fevereiro de 1947. p. 2)

Dom José faz questão de responder uma a uma as acusações proferidas por Plínio Pompeu na sua entrevista de 25 de janeiro, no jornal da capital federal. Além da negação de ter comprado a amplificadora e desta ter feito uso político eleitoral, o bispo sobralense afirma que não usou de seu pressuposto hierárquico para incentivar os padres a divulgarem propaganda antiudenista ou que o próprio bispo tenha realizado tal propaganda. O prelado sobralense vai além, e desafia o senador a provar as suas declarações. A proposta do *repto* (desafiar, provocar) expõe a preocupação do clérigo em negar sua atuação política na cidade de Sobral.

### A réplica do Senador

Em 14 de fevereiro é publicada no *Correio do Ceará* e, no dia seguinte, no *Diário da Noite* (Rio de Janeiro), a resposta do Senador Plínio Pompeu ao desafio proposto pelo bispo sobralense. Segundo o *Diário da Noite* em seu título e subtítulo, em primeira página,

#### **O SENADOR ACEITA O REPTO DO BISPO DE SOBRAL**

**Em telegrama ao DIÁRIO DA NOITE o parlamentar udenista articula o seu libelo contra o prelado**

Recebemos do senador Plínio Pompeu, em telegrama urgente, taxado de Fortaleza, Ce-994-610 – 14º - 9h10, o seguinte (...).

(*Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p.1).

A apresentação do libelo, ou seja, da argumentação (ou dedução apresentada por uma das partes a um magistrado antes de um julgamento), por parte do Senador é prontamente reproduzida nas páginas tanto do jornal de circulação na capital do país, *Diário da Noite*, quanto no de sede em Fortaleza, *Correio do Ceará*<sup>16</sup>. É um texto extenso, que além de demonstrar aspectos

<sup>16</sup> Ambos os jornais faziam parte do conglomerado “Diários Associados”, presidido na época pelo jornalista e empreendedor Assis Chateaubriand.

referentes aos temas anteriormente já levantados, ganha novos contornos. Primeiramente, Plínio Pompeu faz questão de iniciar sua resposta expondo a temática ainda ligada a amplificadora,

Diante do repto que me dirigiu o Bispo de Sobral, em telegrama ao DIARIO DA NOITE, declaro que o aceito e provarei pelos testemunhos dos mais insignes cidadãos desta cidade e pela consciência de amigos e correligionários de sua excelência, que a Amplificadora Católica de Sobral foi adquirida por subscrição popular de iniciativa do padre José Inácio, com o aparente objetivo de propagar a religião e está a disposição do sr. Bispo, como declarou o mesmo padre e minha presença e dos drs. José Saboya, Ernesto Saboya e João Batista Vasconcelos. Provarei que a aludida amplificadora fez forte propaganda do grande sociólogo Plinio Salgado, na expressão de seus speakers. (*Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p. 1).

Nesse ponto, a estratégia utilizada por Plínio Pompeu foi a de expor as relações entre o bispo e a amplificadora a partir do elo que seria o Padre Inácio Mendes Parente.<sup>17</sup> A suposta conversa em que o clérigo afirmava tal ligação, teoricamente fora testemunhada por homens ligados ao próprio político, com destaque para seu sogro, Dr. José Saboya.

Mas as acusações contidas em seu libelo não se restringiram apenas ao suposto uso da amplificadora para fins políticos na cidade de Sobral. A outra acusação foi dirigida aos sermões dos clérigos no dia das eleições. Segundo o senador, “Provarei que a quase totalidade dos padres, que celebraram em Sobral missas no dia da eleição, declararam em sermão que o padre Domingos Barreto estava sendo processado pela União Democrática e que essa ordem foi enviada do palácio Episcopal”. O seu argumento era que a notícia de que um clérigo estava sendo processado pela UDN levariam os fiéis a não apoiarem o partido em questão e boicotarem o candidato Desembargador Faustino Albuquerque.

O jornal da Igreja em Sobral, o *Correio da Semana* foi a outra fonte de ataque do senador. Segundo a lógica construída por Plínio Pompeu o semanário servia aos interesses políticos da Igreja:

Provarei que o “*Correio da Semana*”, órgão dos interesses religiosos e políticos da Diocese, cujo diretor é de nomeação do referido Bispo, que o escolhe de certo

---

<sup>17</sup> Tal clérigo, segundo o historiador da Igreja sobralense e clérigo Pe. Francisco Sadoc de Araújo, foi no período narrado, “Nomeado Assistente Diocesano dos Círculos Operários, em 1946, [e] demonstrou muita operosidade, tendo construídos dois prédios onde funcionou, por muito a Escola de Aprendizagem dos Círculos Operários de Sobral” (ARAÚJO, 1985, p. 110).

tempo a essa parte, entre os padres mais modestos e incompetentes, fez intensa propaganda contra o desembargador Faustino, tendo o número da véspera da eleição publicado o seguinte:

“Os eleitores católicos não poderão votar naquele candidato não obstante os laços de amizade, parentesco e outras afinidades”.

Em artigo assinado por seu diretor, declarou: “Que na qualidade de sacerdote, de cidadão brasileiro como os que mais o sejam e de conhecido anti-comunista, não posso em consciência votar no desembargador”.

Mais adiante ainda:

“Diante da esperada adesão dos comunistas ao desembargador Faustino, no ‘Nordeste’, órgão da arquidiocese de Fortaleza e ‘Correio da Semana’, órgão da Diocese de Sobral, passaram a recomendar expressa e formalmente aos católicos a candidatura do general Onofre.”

(*Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p. 1)

O diretor do jornal católico, escolhido, segundo a opinião de Plínio Pompeu, “entre os padres mais modestos e incompetentes”, era o padre Sabino Guimarães Loyola,<sup>18</sup> um dos principais “soldados” a serviço da Igreja nas batalhas dos jornais. Os referidos artigos citados por Pompeu, são de autoria de Sabino, e foram publicados antes das eleições de 1947.

Na sequência, o Senador dirige sua ofensiva ao reitor do Seminário São José, o clérigo José Osmar Carneiro. Plínio também afirma que “Provarei que o reitor do Seminário de Sobral declarou pela amplificadora de Massapê que era portador da palavra de dom José, e que os católicos não deviam votar no desembargador Faustino e sim no general Onofre” (*Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p. 2). Nesse trecho, ele não apresentou condições de comprovar seu discurso, apenas dirigiu sua assertiva a possíveis ações do clérigo em questão. Além de acusar a Igreja de ação partidária, o senador também buscava dissociar a candidatura de Faustino Albuquerque de qualquer apoio comunista.<sup>19</sup>

O genro do Dr. José Saboya também buscava apontar em sua estruturação narrativa à experiência que Dom José teve ao longo da existência da Liga Eleitoral Católica, tentando associá-lo ao ex-Interventor do Estado. Segundo o então senador,

<sup>18</sup> Segundo o Padre Sadoc, Sabino “Fundou e dirigiu o jornal ‘O Sacerdote’, com a finalidade de despertar vocações para o estado eclesiástico. Dirigiu também o jornal diocesano ‘Correio da Semana’, revelando-se jornalista combativo” (ARAÚJO, 1985, p. 182). O último trecho, ligado ao combate, denota provavelmente da análise da *performance* do clérigo durante os embates até aqui estudados.

<sup>19</sup> Na sequência de seu telegrama reproduzido no *Diário da Noite*, Plínio afirma que “Provarei que deste o início da campanha, tanto o desembargador Faustino como a União Democrática Nacional repudiaram publicamente qualquer apoio dos comunistas, tendo aquele magistrado recusado receber a comissão daquele partido, que viera comunicar a resolução tomada em relação sua candidatura”. (*Jornal Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p. 2).

Provarei também que a atitude do Bispo de Sobral é correlata aquela que tomou na vigência da antiga Liga Eleitoral Católica, orientada nesta cidade por sua excelência, que colocou no governo Menezes Pimentel, de quem o mesmo Bispo tudo conseguiu nesse curto espaço de 12 anos, inclusive nomeações contrárias à lei, como a do Terceiro Tabelião Público, irmão do cura da Sé.

(*Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1947, p. 2)

Há aqui a tentativa de revelar a cumplicidade entre as relações da Igreja e a política no período em que Menezes Pimentel esteve no poder. Destaca-se a acusação de que o Cura da Sé no período, o Monsenhor Olavo Passos, era beneficiado, de forma ilegal, pelo governo através da indicação de um parente seu a um cargo no Governo do Estado. Não é revelado que parente seria esse, mas é uma acusação de grande cumplicidade entre religião e Estado.

No texto “A vitória da verdade”, Sabino rebate as acusações de que seriam “contrárias as leis” o favorecimento ao Cura da cidade<sup>20</sup>. O padre não está preocupado em negar as relações de proximidade política entre a Igreja e o Estado, na verdade, ele as expõe, nesse momento, como algo natural. Segundo ele,

A pretensão do Cônego estava fadada ao triunfo: primeiro por ter a seu favor o pedido do Sr. D. José, depois por contar com a influência do seu tio Cel. Dracon Barreto, terceiro por ter junto ao governo um amigo de prestígio que era o Sr. José Martins e finalmente porque entre dois candidatos a um mesmo cargo era de se esperar que o da preferência do governo fosse aquele da política dominante.

(*Correio da Semana*, 25 de março de 1947, p.1).

O pedido de D. José, somado a não estranheza pela escolha de um representante cartorial pela predileção política jogam luzes às relações de afinidade entre Igreja e Governo do Estado no período narrado. Porém, Sabino faz questão de demonstrar que essa prática de “lobby” político não era uma exclusividade da

---

<sup>20</sup> Sabino argumenta em seu artigo, “Com a trágica morte do Sr. José Fabião de Vasconcelos ocorrida a 5 de junho de 1943 deu-se a vaga no 3º Cartório desta cidade, cabendo, por não haver disposição legal a respeito, ao governo do Estado nomear, de sua livre escolha, o serventuário interino. A nomeação interina feita a 1º de Julho daquele ano, foi efetivada a 19 de Setembro de 1945 por força do artigo 7 do Decreto-Lei n. 1216, de 9 de Novembro de 1944, após o parecer do Procurado[r] Judicial do Estado. Só o ano passado, o Sr. Acrísio Moreira da Rocha, que governou o Ceará 25 dias, de Janeiro a Fevereiro, baixou um decreto fazendo dos cartórios cargos transmissíveis aos filhos dos tabeliões [sic] falecidos...” (*Correio da Semana*, 25 de março de 1947, p. 1)

Igreja. O próprio sogro do senador tentou a nomeação da mesma vaga para um apadrinhado político seu<sup>21</sup>.

Voltando ao fio condutor do telegrama de Plínio Pompeu publicado no *Diário da Noite* em 15 de fevereiro, o senador também tentou demonstrar que Dom José buscou apaziguar a situação, após a derrota do General Onofre para o Desembargador Faustino Albuquerque, através de publicação de um texto, em 08 de fevereiro, em que negaria que fizesse qualquer ataque ao senador<sup>22</sup>.

Por fim, o Senador da República pelo Estado do Ceará não esclareceu o que faria com as provas, mas expõe sua interpretação sobre o “mal” que os sacerdotes faziam à democracia, além de demonstrar consciência política de que tão extenso e rico em embates era esse telegrama. Plínio Pompeu finalizava com as seguintes palavras,

Levarei comigo as provas, não para serem publicadas, porque preencheriam todas as páginas desse conceituado órgão, mas para o conhecimento do grande mal que alguns sacerdotes estão fazendo com a divisão e ódio entre as forças democráticas, beneficiando inconscientemente os inimigos que pretendem combater.

Estou certo de que esse meu telegrama será pretexto de mais uma das constantes manifestações de desagravo ao nosso ilustre prelado, que é deveras respeitável como sacerdote, mas, como chefe político, o mais desastrado possível.

(a.) Senador Plínio Pompeu.

(*Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p.2)

Levar consigo as provas sem apontar que medidas iria tomar não nos ajuda a esclarecer como foi a continuidade desse embate. Porém, sua visão era claramente a de discórdia da parceria entre Igreja e Política, talvez por conta da oposição que a instituição religiosa fazia ao seu grupo político naquele contexto.

<sup>21</sup> Na continuação do texto, o Padre Sabino afirma, “Molhando a pena no sangue que se derramava em borbotões, o Sr. José Saboya escreveu a dois amigos pedindo o cartório para o advogado Ataliba Barreto, esquecendo assim, a dedicação a toda prova que lhe teve o morto e o enfamigatê censura em outrem aquilo que ele mesmo fez”. (*Correio da Semana*, 25 de março de 1947, p.1).

<sup>22</sup> Segundo o senador em seu extenso telegrama, “Provarei ainda que o número do ‘*Correio da Semana*’ editado em 8 do corrente, já eleito o desembargador Faustino e depois de haver fracassado no Superior Tribunal Eleitoral o recurso contra essa candidatura, traz uma nota do secretariado do Bispado em que referindo-se a comentários sobre o combate que sua excelência fizera à candidatura do desembargador, declara: ‘O sr. Bispo Diocesano manda desmentir do modo mais formal, expresso e categórico tal tendenciosa afirmação destituída de qualquer fundamento’”. (*Diário da Noite*, 15 de fevereiro de 1947, p. 2).

## Considerações Finais

Por mais combativo que fosse o bispo no âmbito das disputas pelo poder, na visão do senador, ele ainda era “deveras respeitável como sacerdote”, sinalizando para um desejo de alocar a participação do clérigo apenas no âmbito religioso, pois “como chefe político, [era] o mais desastroso possível”.

Desastre? Discorda-se. Dom José conseguiu se manter como um dos principais protagonistas nas disputas políticas da cidade de Sobral. Não logrou vitória em todas as oportunidades, mas “abençoou” vários dos políticos vitoriosos para o legislativo e para o executivo municipal e estadual.

As relações entre Igreja e Poder em Sobral, apesar de serem negadas em grande parte dos discursos produzidos nesse contexto, evidenciam, antes de tudo, as relações conflituosas no campo político sobralense, a partir da constituição de espaços de disputas nos jornais da época.

## Bibliografia

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: a invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia–Inferno**. Tradução de Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010.
- ARAÚJO, Erick Assis de. **Nos labirintos da cidade**: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007.
- ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Dicionário biográfico de sacerdotes sobralenses**. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.
- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Pedro Constantin Tolens. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUNEAU, Thomas C. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades Invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

- LIMA, Janilson Rodrigues. **Em defesa da fé e da família**: intelectuais católicos e padrão comportamental em Fortaleza (1936-1941). 2013. 189f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- PARANTE, Francisco Josênio Camelo. O Ceará dos “coronéis” (1945 a 1986). In.: SOUZA, Simone de. **Uma nova História do Ceará**. 4. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2014.
- RÉMOND, René. As eleições. In.: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ROCHA, Thiago Braga Teles da. **"De quem é Sobral?"**: As práticas letradas, as tensões políticas e a luta pela temporalidade na Igreja Católica (1945-1953). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SIRINELLI, Jean-Baptiste. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

---

**Thiago Braga Teles da Rocha**

*Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professor Efetivo da rede estadual de Ensino do Ceará SEDUC/CE.*

---

**Gleudson Passos Cardoso**

*Pós-Doutor em História Medieval pela Universidade do Minho (UMINHO/ Portugal). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no Curso de História e no Mestrado Acadêmico em História (MAHIS-UECE).*